

## PATRIMÔNIO, CULTURA E PAISAGEM NO CONJUNTO AGROTÉCNICO VISCONDE DA GRAÇA

**VERGARA, Camile Tejada<sup>1</sup>; RIETH, Flávia Maria<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Bacharelado em Antropologia [camilevergara@gmail.com](mailto:camilevergara@gmail.com);

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br).

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a relação da paisagem do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça(CAVG)- Pelotas/RS, com a formação da pecuária extensiva no sul do Rio Grande do Sul e a cultura gaúcha da região do pampa. Esta relação é objeto de estudo do projeto INRC-Bagé (1ª Fase), demanda da Prefeitura Municipal de Bagé, atendida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em parceria com a Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do curso Bacharelado em Antropologia. O estudo visa à documentação, a produção de conhecimento e o reconhecimento da pecuária, enquanto referência na estruturação dos modos de vida da região em questão. A categoria de Patrimônio cultural também esta presente neste estudo, pensando-a conforme as cosmologias do grupo estudado e como fator estruturante da paisagem e da identidade cultura.

### 2. METODOLOGIA (MATERIAL E METODOS)

A metodologia utilizada para a realização do INRC-Bagé é o Registro de Bens Imateriais, instituído pelo IPHAN em 2000. Consiste na documentação em quatro livros de registro:

“O das celebrações, para reconhecimento de rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras praticas da vida social; o das formas de expressão, voltado para o registro das manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; o dos Lugares, destinado à inscrição de espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem certas praticas culturais coletivas; o dos Saberes, que se refere aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”. (FREIRE, 2005 pp. 15)

A pesquisa é realizada por antropólogos e historiadores, a partir de método etnográfico e levantamento bibliográfico. Junto ao método etnográfico proposto, a captação de imagens tem contribuído nas pesquisas antropológicas como forma de esclarecer a compreensão do contexto, personalizar a fala do nativo e documentar de forma material os dados extraídos.

A vinculação entre imagem e antropologia no CAVG está intrínseca ao estudo da paisagem, como paisagem cultural, que se define na relação entre o homem e a natureza. A paisagem cultural do pampa gaúcho constitui um objeto de investigação no INRC referido acima, devido ao uso dessa paisagem como permeadora de técnicas identitárias.

A produção e pesquisa audiovisual contribuem para um melhor entendimento dessa relação e permite um retorno de material de estudo para o próprio CAVG.

A metodologia audiovisual empregada de início dificultou a entrada em campo, pois o uso da imagem dos alunos é proibido e é necessária a autorização dos pais. Esta dificuldade de entrada em campo é peculiaridade da metodologia do audiovisual, que Clarice Ehlers Peixoto (1995), referência da Antropologia Audiovisual no Brasil alerta aos aventureiros desta metodologia. Tanto pela burocracia do uso da imagem quanto pela aceitação do interlocutor a câmera e aos equipamentos de captação, a metodologia audiovisual, tem suas vantagens e desvantagens. Devido a essa dificuldade meus dados etnográficos são bastante restritos e a pesquisa ainda se encontra praticamente com conteúdo de levantamento bibliográfico.

Porém, esta dificuldade permite refletir sobre as normas desta instituição que apesar de não ter mais a forma de um Patronato, ainda mantém características deste, como a grande vigilância sobre os alunos e o controle de seus horários, contatos e entrada e saída dos limites da escola, o que nos trás uma discussão sobre vigilância e controle, com base em Michel Foucault(2009).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste estudo no CAVG, busco mostrar a relação dos alunos e professores com o meio, a paisagem e a estrutura do educandário, visto que este meio, incluindo a estrutura, permeia toda uma técnica e saber no aprendizado e na formação agrícola.

A idéia da construção de um Patronato agrícola em Pelotas surgiu em 1920, pela necessidade do aprendizado do campo ao pequeno trabalhador rural. Em 1921, o Conselho Municipal cedeu 201 hectares de terra para construção deste patronato. Na época o presidente do conselho municipal era Manoel Simões Lopes, Filho de Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça.

O patronato foi inaugurado em 1923, com a entrada de 75 alunos. Inicialmente, o educandário era um colégio interno, uma escola rural de alfabetização, com noções de criação de animais e agricultura.

Nas dependências do CAVG, a existência do CTG Rancho Grande torna ainda mais particular o contexto onde a decoração interna remete a lida no campo. Assim, podemos pensar como a educação desses jovens se dá neste contexto de paisagem campestre e evocação deste modo de vida campeiro.

Pensando essa paisagem como parte deste patrimônio cultural deve-se entender como a categoria de patrimônio é aplicada no Brasil. A partir do entendimento de patrimônio como algo passível de reconhecimento, identificação com um passado, trago a dimensão legislativa de como essa categoria é aplicada. Segundo Manuela Carneiro a Constituição Federal de 1988 o Patrimônio cultural Brasileiro reúne material e imaterial no artigo 216:

“Constituem Patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem: 1. as formas de expressão; 2. Os modos de criar, fazer e viver; 3. As criações científicas artísticas e tecnológicas; 4. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados as manifestações artístico-culturais; 5. Os conjuntos

urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”. (CARNEIRO DA CUNHA, 2005, pp. 15)

Outro autor que mostra a importância da paisagem cultural como patrimônio e sua relação na formação e reconhecimento de identidades culturais, na interação entre homem e natureza é Carlos Fernando Delphin, nas palavras do autor:

“Uma paisagem cultural é um sítio que reúne, de forma conjunta e integrada, bens e valores culturais e naturais, ou seja, significativas e harmoniosas interações entre o homem e o meio natural, o trabalho combinado da obra humana e da natureza, quando de excepcional valor universal. A paisagem tem triplo significado cultural já que é definida e caracterizada da maneira pela qual determinado território é percebido por um indivíduo ou por uma comunidade; da testemunho ao passado e ao presente do relacionamento existente entre os indivíduos e seu meio ambiente; ajuda a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições”. (DELPHIM, 2009 pp. 29)

Alexandre Navarro traz uma definição para esta paisagem cultural se tratando do espaço criado pela cultura e o compartilhamento e reforço de ideologias culturais. O uso deste espaço e as técnicas ali empreendidas assim como sua organização é o que formam a paisagem estudada. Por isso, entender o contexto histórico desta paisagem e das técnicas ensinadas no CAVG é de suma importância neste trabalho.

A Formação do Rio Grande do Sul é permeada por conflitos entre o Império Português e o Império Espanhol. No século XVI, com o tratado de Tordesilhas o território ficou sob a posse dos Espanhóis, sendo expulsos pelos Portugueses em 1680. Neste cenário conflituoso foram formados, em 1627, por jesuítas espanhóis os Sete Povos das Missões.

Foram esses mesmos jesuítas que introduziram a criação de animais no Rio Grande do Sul. Com a invasão dos bandeirantes, no século XVII, as missões se enfraqueceram e os rebanhos se espalharam livres pelo campo, dando a característica de gado selvagem.

Este gado crescia e se reproduzia livre e eram capturados e sacrificados para retirada e venda do couro. Após a construção do forte Jesus-Maria-José, em 1737, formou-se a cidade de Rio Grande de domínio português, esse domínio português se estendeu dando origem ao Continente de Rio Grande de São Pedro, primeira denominação do estado do Rio Grande do Sul.

Com o aumento da imigração devido à mineração em Minas Gerais a demanda de couro, carne, leite e animais para transporte cresceu e a criação livre do gado foi sendo substituída pela delimitação das propriedades e formação das estâncias.

A partir de 1780 há uma modificação na utilização do gado, sendo com as charqueadas na província de São Pedro e Pelotas, o valor da carne aumentado, apesar do valor de venda do couro continuar sendo bastante considerável. Os homens arrebanhavam o gado no campo, cujas terras “não tinham dono”, para a feitoria de charque.

#### **4. CONCLUSÃO**

A paisagem campestre que constitui o Conjunto Agro técnico é o que permite a continuidade dos processos tradicionais da pecuária de extensão como conhecimento institucionalizado na cidade de Pelotas. A lida do campo é então

normatizada e legitimada como conhecimento formal e diplomado. A relação com o campo é muito lembrada pelos interlocutores desta pesquisa, alunos e funcionários que se remetem ao CAVG, até mesmo como área rural.

Este trabalho, sendo a primeira etapa de uma pesquisa maior, me permitiu a reflexão sobre diversas questões que se desdobram em algumas problemáticas: 1. A questão patrimonial e o papel do antropólogo nessa política de intervenção, no caso o INRC- Pecuária Bagé; 2. A instituição e o controle assim como as dificuldades em campo; 3. A paisagem cultural como patrimônio e sua relação com o homem e vice-versa. 5. O uso da metodologia audiovisual e suas peculiaridades.

Visto que esta pesquisa no CAVG é um desdobramento de um projeto de intervenção vinculando três instituições de poder: O IPHAN, patrocinador da pesquisa, a UFPel, acolhedora do estudo e o CAVG, campo estudado. Penso que o pesquisador deve tomar muito cuidado ao se posicionar entre elas e sempre ter em mente que são essas instituições que vão permitir legitimar a patrimonialização desta cultura. O pesquisador não é de forma alguma neutro nesse processo. Deve-se atentar para o que Tornatore (2009-2010) coloca como papel do antropólogo, enfatizando a não paternidade como favorecimento do discurso do grupo estudado, a não neutralidade e não transferir a valorização cultural pelo social, onde se ressalta o turismo e a economia patrimonial quando deveria explicar como funciona aquela cultura. Portanto, há um papel crítico do antropólogo nesse processo, mas sem cair na militância dos grupos ou nos interesses puramente econômicos e políticos.

Ainda nesta discussão da problematização do patrimônio e do papel do antropólogo nesse processo, mas já pensando a questão da instituição Joel Candau (2009-2010) cita o conceito de Metanarrativa, sendo o processo de legitimação do patrimônio que permite a criação de identidades sociais. Faz-se presente o diálogo com Gilberto Velho (1994), onde as instituições com suas regras e mecanismos de funcionamento social atribuem papéis pré-ordenados, no caso do CAVG, aos alunos, que entram em conflito com suas famílias e com os outros alunos devido às diversas trajetórias e campos de possibilidades ali oferecidos.

Mantendo o diálogo com Candau podemos dizer que essa narrativa das vivências gaúchas estudadas no CAVG tem como Sociotransmissores, outro conceito do autor, os objetos encontrados no local, incluindo a paisagem campestre que permite o ensino e perpetuação da pecuária de extensão assim como o sentimento nostálgico de rememoração do campo, lugar de origem da maioria dos alunos. Paisagem esta em constante mudança devido às alterações sempre presentes na pecuária e na forma de fazer a lida.

Por último, podemos pensar o audiovisual como uma forma de mostrar e integrar o leitor neste cenário. A imagem contextualiza e aproxima o leitor do campo e do interlocutor. Tanto o vídeo como a foto são um recorte do campo estudado, se limitando a pretensão do pesquisador. A captação dessas imagens, assim como sua disposição como produto, pós edição, são feitas de forma a complementar a pesquisa como argumento e não somente como dado ou documento.

## 5 REFERÊNCIAS

- ANTUNEZ, José Leonel da L. **CAVG, História de um Patronato**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 1996.

- CANDAU, J. 2009/2010. Bases Antropológicas e Expressões Mundanas da Busca Patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista memória em rede**, (1): 1 43-50.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Introdução. A produção cultural da diversidade biológica: instrumentos e instituições. IN: **Revista do Patrimônio: Patrimônio imaterial e biodiversidade**. Nº35/2005.
- CRAWSHAW, Danielle; DALL'AGNOL, Miguel; CORDEIRO, José Luis Passos; HASENACK, Heinrich. Caracterização dos Campos Sul-Rio-Grandenses: Uma perspectiva da ecologia da paisagem. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, 2007.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Paisagens do Sul: Pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre os bens patrimoniais do Rio Grande do Sul**. / Organizado por Ângelo Carlos Silveira Braghiolli. – Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: IPHAN: IPHAE, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir, História da violência nas Prisões**. 37 ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2009.
- FREIRE, Beatriz Muniz. O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: Novos Instrumentos de Preservação. **Cadernos do LEPAARQ**. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Vol. 2. Nº3. 2005.
- HOBBSAWM, E. 1997. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, E; RANGER, T (Eds.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 9-24.
- INVENTARIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. PECUÁRIA/BAGÉ. ICH, DAA. Universidade Federal de Pelotas. 2010.
- LEAL, Ondina Fachel. Do etnografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. In: **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**, Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. XXX Nov. de 1997.
- NAVARRO, Alexandre G. Sobre El concepto de espacio. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 17:3-21, 2007.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. A antropologia visual no Brasil. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. N.1, UERJ, Rio de Janeiro. 1995.
- POULOT, Dominique. Um Ecosistema do Patrimônio. In: **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Organização: Claudia Rodrigues Carvalho, Marcus Granato, Rafael Zamorano Bezerra, Sarah Fassa Benchetrit. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural**. 3. Ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.
- SCHWANZ, Angélica Kohls; ZANIRATO, Silvia Helena. **A Transformação da Paisagem no Pampa Gaúcho e a constituição das memórias**. UEM-2008.
- TORNATORE, J. L. 2009/2010. **Patrimônio, Memória, Tradição, etc.: discussão de algumas situações francesas com relação ao passado**. Revista Memória em rede, (1): 1 7-21.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro. Zahar Ed, 1994.